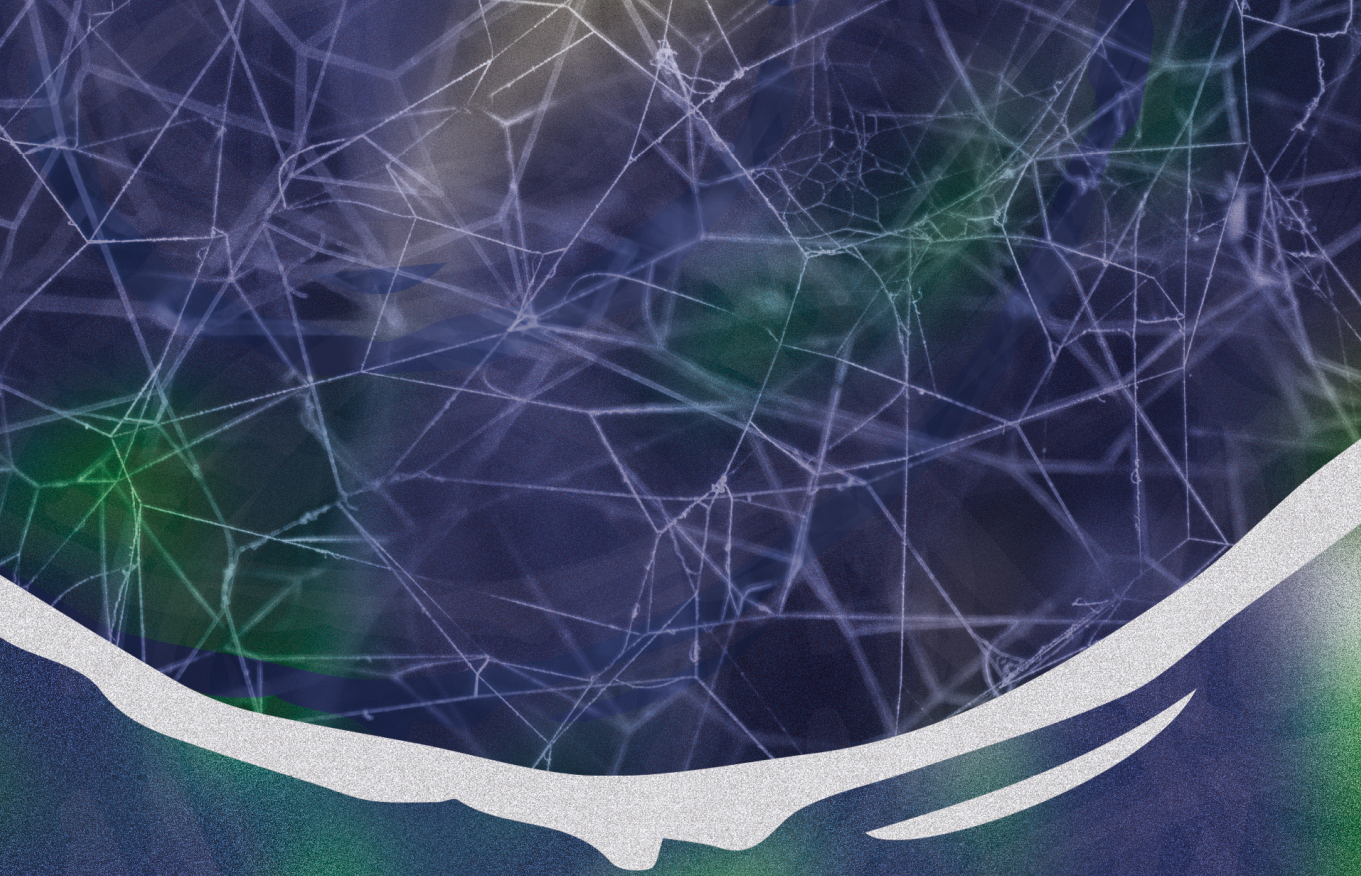


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

Laços de infância(s)

Maria Eduarda dos Santos Martins

Dentre a grande diversidade de aspectos que observamos sobre educação, criança e infância, algo que sempre me chamou a atenção são as possibilidades existentes em nossa infância, em como o que for vivido ali pode e nos afeta profundamente. A história que vou relatar primeiro não é minha, mas, de certa forma, faz parte de mim.

Minha mãe passou a maior parte de sua infância vivendo na roça, tinha uma vida simples e conturbada, primogênita de sete irmãos. As circunstâncias entregaram a ela muito cedo uma responsabilidade que não lhe pertencia, mas que tomou para si. Com isso, não tinha muito tempo para "ser criança", mas, apesar disso, não foi infeliz. Divertia-se muito com seus irmãos e primos, corriam, pulavam, banhavam-se no rio, subiam nas árvores para catar fruta e usavam muito da imaginação. Para eles qualquer espiga de milho ou até mesmo uma simples manga verde se transformava em bonecas, das mais bonitas que se podia imaginar.

Quanto ao ambiente escolar, sua primeira escola foi na zona rural, uma escola pequena com pouca estrutura. Ela conta que ficou super empolgada para ir à escola, que lá se divertia bastante, e que podia se sentir criança. Pedi à minha mãe que me dissesse algo que marcou sua trajetória escolar, e o que ela me relatou foi a triste lembrança da ausência de seus pais em sua formatura da 4ª série.

Aqui, dou início à minha própria experiência e posso começar dizendo que minha mãe sempre me incentivou muito no âmbito escolar. Ela apreciava (e ainda aprecia) todas as minhas conquistas. Quando comecei a ler, ela reforçava ao meu pai a importância da leitura, sempre que podíamos comprávamos gibis da Turma da Mônica para mim. Sempre tive muitos brinquedos e brincava a maior parte do tempo sozinha. Ao contrário de minha mãe, minha infância foi vivida na chamada zona urbana, longe das imensas responsabilidades colocadas sobre ela quando criança.

Minha primeira escola foi uma escola pequena e privada que ficava perto de casa. Eu fiquei empolgada com a ideia de ir à escola, mas na época eu não tinha a noção que tenho hoje do quão doloroso pode ser para uma criança negra adentrar ambientes majoritariamente brancos e elitizados. Minhas lembranças daquele lugar na verdade são traumas que carrego até hoje, devido ao racismo sofrido ali. Minha mãe logo que percebeu tomou as providências indo à escola, porém, não foi resolvido, então, depois de três anos estudando lá, era hora de frequentar a escola pública, onde estudei todos os anos seguintes.

Meus problemas de socialização se intensificaram um pouco, tendo em vista que depois da primeira escola, eu não queria ser notada, ou pior que isso, não queria ser notada pela

minha pele e por minhas características físicas. Com o tempo, dentro da escola nova, onde eu finalmente podia me enxergar, isso foi passando. Todos os acontecimentos na escola eram motivo para minha mãe ir e tirar fotos naquelas câmeras digitais, chamar a família. Ela sempre fez muita questão disso, e agora eu consigo entender melhor o porquê, houve um trauma ali.

Além de ler muitos gibis, eu gostava muito de brincar com minhas pôneis coloridas. De todos os meus brinquedos, elas eram as favoritas. Com aproximadamente sete anos, conheci a caçula dos novos vizinhos, e viramos grandes amigas, passamos a brincar juntas em casa todos os dias, o que era muito divertido, já que até certo momento fui filha única.

Até que, em 2009, eu passei de única para a mais velha de duas crianças, um menino e uma menina, gêmeos. Pude ver e viver de perto a infância dos meus irmãos, observando e participando diretamente.

Estive refletindo sobre o quanto os ambientes externos influenciam em nossas vivências, pois, mesmo sendo filhos dos mesmos pais, vivendo na mesma casa e com as mesmas condições, nossas vivências são muito diferentes. Meus irmãos não são essas crianças que "já nascem com celular na cara". Não somos ricos, então, esse tipo de privilégio é um pouco demais para nós, mas eles tiveram sim acesso a muitas tecnologias às quais eu não tive, como, por exemplo, os inúmeros programas infantis para as redes privadas de TV, computador, videogame, coisas que não eram tão presentes em minha infância, mas se tornaram muito presentes na deles. Contudo, isso não significa que eles não brinquem juntos, muito pelo contrário, os dois se divertem muito juntos, nunca foram crianças tímidas como eu, sempre foram super agitados e aproveitaram a companhia um do outro.

Na escola também há diferenças. Sua pré-escola foi em uma escola pública, além de terem um ao outro na mesma turma. A postura dos pais continuou a mesma que tiveram comigo, sempre incentivando e estando presentes. Além disso, eu, como irmã mais velha, sempre fiz e faço questão de incentivá-los no que for, apesar de não gostarem tanto de ler como eu gostava. Minha irmã desenha muito bem, já meu irmão é muito curioso, ama assistir a vídeos de animais, dinossauros, ou tudo que ele ache interessante.

> Um dos textos que me ajudaram a compreender a perspectiva ampla da educação foi o de Brandão (1985), o primeiro texto trabalhado. Ele aborda as educações e as práticas que nos levam a elas, trazendo à tona a ideia de que a escola não é o único lugar onde se pratica a educação e que, cotidianamente, em diferentes contextos, ela se faz presente. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (Brandão, 1985, p. 8).

Outro trecho marcante na obra é quando se fala do "poder" da educação, como os aspectos positivos e negativos irão impactar a ou influenciar na formação de caráter dos indivíduos. É possível compreender isso melhor por meio do seguinte trecho:

> A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz, para fora, que

> a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros: [...] e deles faremos homens. Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer. (Brandão, 1985, p. 9).

Por intermédio das discussões da disciplina de Antropologia e Educação, eu me abri para uma melhor compreensão das tantas infâncias existentes, não só em um mesmo contexto familiar, como citei, mas principalmente pela grande diversidade e pluralidade que somos e vivemos. O texto de Clarice Cohn explicita bem isso, pois a autora aborda as muitas infâncias indígenas. Segundo ela: "não podemos pressupor uma criança e uma infância universais, mas talvez não possamos também pressupor uma noção de infância, particular, mas sempre válida" (Cohn, 2013, p. 227).

Essa autora segue ressaltando a importância da Antropologia nesse processo de compreensão das infâncias, dando destaque também à escola, instituição associada quase automaticamente ao se falar de infância e criança. Ela nos apresenta algumas etnografias para mostrar o modo de agir das crianças nesse ambiente e finaliza trazendo à tona as dificuldades enfrentadas pelos antropólogos no reconhecimento dessa pluralidade.

> a Antropologia nos permite entender outros modos de ser criança que nem sempre são reconhecidos nas políticas públicas de saúde, Educação, e no direito, mesmo naquelas políticas mais bem-intencionadas e mais afeitas aos direitos da criança e do adolescente. Porém, algumas situações nos revelam que não são só os nossos pré-conceitos antropológicos [...] que limitam o bom exercício da Antropologia: são também nossos pressupostos, como cidadãos que somos, como humanos que somos, e que também arriscamos carregar a campo. Estes preconceitos [...] já impediram que escutássemos (e não regêssemos) suas vozes; já impediram que víssemos, em geral, as crianças e as infâncias em suas multiplicidades e em seus modos de gerenciar suas infâncias. (Cohn, 2013, p. 239-240)

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO